

# CERÂMICA GREGA E ARQUEOLOGIA

Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming  
Museu de Arqueologia e Etnologia -USP

## ARQUEOLOGIA E TECNOLOGIA

A Arqueologia estuda o passado usando objetos e outras evidências materiais como sua principal fonte de dados. Isso permite o estudo de povos sem escrita, como também de civilizações letradas. Quase tudo pode ser usado para esclarecer o passado: as fundações de edifícios podem mostrar o tipo de casas em que as pessoas viveram; os restos de ferramentas mostram como elas trabalhavam; ossos de animais e restos de plantas mostram o que comiam e o tipo de clima e vegetação que havia na época. Assim, conhecer a tecnologia das populações passadas pode nos abrir as portas não apenas para seu modo de vida, mas para seu desenvolvimento, suas criações e necessidades, seus contatos e relações com outros povos.

A cultura material, como fonte para a Arqueologia, está associada a todos os contextos das sociedades que a produziram e utilizaram: da vida doméstica, do trabalho, dos cultos religiosos, do comércio e das trocas, da paz e da guerra entre os povos.

Em meio às muitas categorias de cultura material e de técnicas do mundo grego está a produção cerâmica, de grande relevância entre as inovações introduzidas na Antiguidade.

## A CERÂMICA

A cerâmica é algo verdadeiramente universal. Desde que os seres humanos iniciaram a passagem de um tipo de vida nômade para uma vida completamente sedentária, o vaso cerâmico tornou-se um utensílio básico. A cerâmica, em sua maior parte ligada à casa, sempre desempenhou um papel fundamental dentro da família e na comunidade. Com o tempo, e a multiplicação de formas e estilos decorativos, a cerâmica adquiriu uma dupla função que a distingue: primeiramente, e acima de tudo, como um produto utilitário, mas também como um meio de expressão social e cultural. Este conjunto de características único confere à cerâmica – seja recuperada de escavações, seja conservada em coleções de museus – um enorme potencial para a investigação dos desenvolvimentos tecnológicos, econômicos e culturais de sociedades passadas e presentes.

A fabricação de cerâmica a partir da argila cozida foi a mais difundida de todas as técnicas na Antiguidade. Todos os tipos de formas podiam ser feitos e todos os tipos de funções preenchidos. Os vasos cerâmicos serviam para armazenar tanto substâncias secas como líquidas; neles podia-se cozinhar e deles as pessoas podiam comer e beber. Além disso, no mundo greco-romano, como entre muitos outros povos, a cerâmica não só foi utilizada, mas também entesourada. Assim, ela é encontrada em santuários e tumbas, como também em contextos domésticos. A cerâmica encontrada em tumbas, usualmente, é completa, mas nem sempre intacta. As vasilhas das habitações e dos santuários,

regularmente estão reduzidas a fragmentos isolados. O único inconveniente da cerâmica é a sua fragilidade, seja naqueles tempos como agora. Consequentemente, eram necessárias reposições constantes. Entretanto, isto se transforma numa vantagem para o arqueólogo, pois, como resultado, a cerâmica é o material mais frequentemente escavado em sítios arqueológicos antigos.

## **CERÂMICA GREGA**

A mais antiga cerâmica da Península Grega remonta a mais ou menos 6.000 a.C. e talvez tenha sido introduzida por uma onda de imigrantes do Oriente Próximo, onde a produção cerâmica já datava de 8.000 a.C., pelo menos.

A cerâmica grega que mais marcou nossa civilização foi a de figuras negras e vermelhas, um tipo muito característico dos períodos arcaico e clássico (séculos VI-IV a.C.). Além do desenvolvimento na própria Ática, sua região natal, esta cerâmica é o resultado de uma longa tradição cultural da região do Egeu, que recua à Idade do Bronze (III-II milênios a.C.) destacando-se os centros da ilha de Creta, do Peloponeso e costas da Ásia Menor (atual Turquia).

## **TÉCNICAS DE FABRICAÇÃO DA CERÂMICA GREGA**

### **Confecção à mão e no torno**

A cerâmica grega era confeccionada em grande parte no torno, que já era conhecido no Mediterrâneo desde o IV milênio a.C. O torno era acionado por impulso e mantido em rotação regular por meio de uma pesada pedra volante. Esta técnica permite obter uma regularidade das bordas e perfis dos vasos. Entretanto, nem todos os vasos eram torneados; vasos feitos à mão eram ainda produzidos em grande quantidade e alcançavam uma larga distribuição. Trata-se de cerâmica de uso doméstico, utilizada geralmente na preparação de alimentos. Neste caso, era usada a técnica do rolete, que consistia em montar a peça com roletes de argila distribuídos em anéis superpostos. Ao contrário da técnica do torno, a superfície interna das vasilhas é algo desigual, mostrando sinais da pressão aplicada para juntar os roletes e fazer as paredes mais finas, seja com a mão ou com instrumentos simples. A observação de oleiros tradicionais atuais sugere que isso era feito provavelmente sobre uma mesa de madeira giratória que poderia ser acionada para produzir um perfil mais igual e uma espessura regular.

### **Cerâmica moldada**

A partir do séc. III a.C., com origem na Ásia Menor e introduzida no mundo grego, foi utilizada uma terceira técnica: a moldagem. Esta técnica teve seu ponto culminante no mundo romano a partir do início do período imperial (séc. I a.C.) Moldes com relevos eram usados. Na realidade, esses moldes eram tigelas de argila, com motivos decorativos feitos à mão, introduzidos (pressionados) individualmente na superfície interior antes da queima,

enquanto a argila estava ainda macia. Depois de seco e cozido, o molde era colocado num torno e recebia em seu interior a argila da tigela a ser fabricada, a qual era comprimida de forma que a decoração ficaria na parte externa da vasilha em relevo; a superfície interior era alisada e uma borda era formada à mão.

### **Secagem e queima**

Uma vez confeccionados os vasos, os procedimentos das demais etapas eram semelhantes para as três técnicas descritas acima e variavam de acordo com a qualidade do produto: a secagem, ao ar livre ou em galpões, e a queima, que poderia ser no forno, ou em fogueiras. Neste caso, para cerâmicas mais rústicas feitas à mão, com roletes.

### **Decoração**

A decoração, geralmente, era feita antes da queima, como na cerâmica grega de figuras negras ou vermelhas. O mais importante era o *engobo*, usualmente conseguido mergulhando-se o vaso não cozido numa argila líquida, diluída, cobrindo toda a superfície com uma camada de finas partículas de argila. Alguns engobos continham minerais que, uma vez queimados, fundiam-se produzindo uma superfície brilhante. Este mesmo efeito era obtido com o verniz negro, ora formando as figuras, ora distribuído como fundo na cerâmica ática dos períodos arcaico e clássico.

### **Cerâmica grega de figuras negras e vermelhas**

A cerâmica ática de figuras negras e vermelhas é um importante documento que nos permite a reconstituição de uma parte da cultura grega, raramente acessível por outros meios materiais ou escritos, seja porque não resistiram ao tempo, seja porque os temas representados não faziam parte dos contextos tratados nas fontes literárias. Essas representações nos introduzem a uma gama enorme de imagens: cenas mitológicas, da vida diária grega, com mulheres em sua toalete, homens em atividades esportivas, personagens ilustres e comuns, atividades de trabalho, no campo e na cidade, e do mundo do artesanato, cenas cerimoniais, ritos religiosos e funerários, cenas de banquete, de casamento e de teatro. Nos temas tratados, a iconografia desses vasos nos traz detalhes do vestuário, dos adornos, dos ambientes e objetos da época.

Após o vaso pronto e seco, com os acessórios (alças e apêndices) aplicados mediante uma fina camada de argila usada como cola, era executada a decoração dos vasos de figuras negras e vermelhas. Preliminarmente, era feito um esboço antes da pintura final. Esta, de fato, não era feita nem com tinta nem com verniz, embora esses termos, frequentemente, sejam os mais convenientes. Os materiais que os oleiros atenienses usavam para decorar seus vasos eram nada mais do que argilas especialmente preparadas. A cor chave é o negro brilhante que contrasta tão bem com a cor laranja da argila queimada. A camada negra, usualmente chamada verniz negro, consistia, em Atenas, de uma forma de argila comum, mais finamente purificada, quase concentrada, que, por um processo engenhoso de queima, enegrecia no forno, em contraste com o corpo laranja-avermelhado. Diferentemente da cerâmica moderna, a cerâmica grega antiga era queimada apenas uma vez, mas esta única queima tinha três estágios. Primeiro, os vasos eram empilhados na câmara superior do forno. No devido tempo, o fogo era aceso e o forno aquecido à

temperatura próxima de 800°C, sob condições oxidantes, isto é, com entrada livre de ar. Durante este primeiro estágio, os vasos no forno tornavam-se inteiramente vermelhos. Após a temperatura ter alcançado 800°C, a atmosfera do forno era reduzida, introduzindo-se madeira verde na câmara de combustão e fechando-se a entrada de ar. Enquanto esta atmosfera redutora era mantida, a temperatura era elevada, aproximadamente, para 950°C, sendo baixada, em seguida, para cerca de 900°C. Durante este segundo estágio, os vasos tornavam-se completamente negros. Vinha, então, o terceiro e último estágio deste processo de queima: as entradas de ar eram abertas e a atmosfera retornava a ser oxidante, enquanto o forno era deixado esfriar completamente. Neste estágio final, o corpo do vaso tornava-se vermelho novamente, mas as áreas pintadas com a camada de argila permaneciam negras e brilhantes. Esta divisão em cores e textura é causada pela vitrificação parcial da superfície com as áreas pintadas no momento em que o forno atingiu a temperatura máxima no segundo estágio, impermeabilizando a superfície e impedindo a re-entrada do oxigênio e o subsequente retorno à cor vermelha da argila no estágio final. Além do negro, eram usadas outras cores, especialmente após o século VII a.C.. As duas mais comuns eram o vermelho-púrpura e um branco amarelado, ambos foscos. O vermelho era produzido misturando-se pigmento de óxido de ferro (ocre) com água e a argila da pintura negra normal. O branco era simplesmente uma argila muito pura com quase nenhum óxido de ferro que pudesse dar cor quando queimado. Essas duas cores eram queimadas no forno, mas, ocasionalmente, sob certas circunstâncias, outras cores eram adicionadas após a queima. Estas eram cores minerais ou vegetais mais instáveis (azuis, verdes, rosas e outras cores foscas) que não resistiriam às temperaturas usadas no forno.